

5. Trajetórias de vida dos doutores em questão;

Neste capítulo, Optamos por apresentar os diferentes momentos em que a discriminação e o preconceito direcionados aos moradores de favela são acometidos. Utilizaremos a ilustração como recurso para dar visibilidade e legitimidade à luta, empreendida por pessoas que de certa maneira romperam com os estereótipos que lhes foram associados.

Para Pollak (1989), esse reconhecimento do caráter potencialmente problemático de uma memória coletiva já enuncia a perspectiva que marca os trabalhos sociais sobre este fenômeno. Em outras palavras, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como esses fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade.

Para nós, falar globalmente de escolhas e de sucesso individual, sem ilustrar ou considerar o local onde vivem os sujeitos sociais e o contexto nos quais ocorrem suas experiências de vida, sua formação, especialmente acadêmica e profissional, é negar que as condições sociais e econômicas, culturais e históricas de moradores de favela e de outros grupos minoritários interferem diretamente nas suas escolhas e oportunidades. Assim como Pollak, entendemos que ao privilegiar a análise dos moradores de favela inseridos na universidade via ação do Pré-Vestibular Para Negros e Carentes, permitimos que pessoas oriundas do meio popular, favelizados, na sua maioria negra e descendente de migrantes nordestinos se constituíssem como parte integrante das culturas minoritárias que se opõem à memória oficial e formas tradicionais de explicar o acesso ao ensino superior.

O grupo sob nossa observação é composto por um conjunto de indivíduos que ao longo de sua trajetória, especialmente, no período que compreende a vida acadêmica e profissional, foram rotulados enquanto pessoas violentas e perigosas. A memória coletiva apresentada nesta tese foi utilizada como um meio para aproximar o leitor da luta empreendida pelos sujeitos de nossa pesquisa para sobrepor aos estigmas e preconceitos, os quais estão submersos e, inserir em um universo que não foi preparado para recebê-los.

As memórias subterrâneas dos moradores que desvelamos nesta tese de maneira quase imperceptível subverteram e romperam com o silêncio e entraram em disputa. Ao se posicionar frontalmente aos conflitos e as competições entre memórias concorrentes, os sujeitos de nossa pesquisa deixaram um legado para a caminhada de outros moradores de favela, negros, nordestinos, pobres que poderão se apropriar destas histórias e reformular o que está pré-definido pelo imaginário social como o lugar das minorias.

5.1. Recolhendo histórias e trajetórias pessoais.

Neste ponto da tese verificaremos que, ao articular-se com os seus pares, os moradores da favela do Jacarezinho passaram a atribuir outros usos a sua identidade. É a possibilidade de tornar-se um “igual” que potencializa o projeto de concluir o curso, que coloca estes moradores na luta contra o preconceito que, mesmo nos dias de hoje, os relacionam às mazelas do espaço geográfico, a sua “marca” de origem de classes sociais menos favorecidas e, em alguns casos, a sua pertença étnica a grupos sociais negros e da região Norte e Nordeste do Brasil.

Nos depoimentos dos “doutores” que viveram maior parte da vida pessoal e da trajetória acadêmica e profissional residindo na favela, fica evidente que as condições materiais para a permanência na universidade é um fator de possível superação. Mas, o testemunham também revelam a existência de preconceitos e de discriminação, fortemente presente no mundo acadêmico e em outros campos da vida social aparece como um desafio de difícil transposição.

A presente tese comprovou que assim como as condições materiais de existência, são as desigualdades nas formas de tratamento os elementos constituintes da subordinação. Para Elias (1990:67-68), *“em ordens sociais de extrema mobilidade, é comum que pessoas sejam extremamente sensíveis em relação a tudo que possa ameaçar a sua posição. É comum que elas desenvolvam angústias ligadas ao status.”*

A reflexão de Elias nos ajudou a entender que o preconceito e a discriminação direcionados aos estudantes pobres e estigmatizados pela sua cor,

gênero ou origem geográfica se estabeleceram como estratégias para confirmar a superioridade da moral e dos costumes dos grupos economicamente favorecidos.

É a reivindicação de *status* superior vocalizada pelos grupos privilegiados que dão o tom da ordem já posta. A imposição dos mecanismos de perpetuação da desigualdade nas formas de acesso fortalece a nossa hipótese de que a educação por si só não promove e não autoriza o acesso aos bens culturais e sociais reservados aos grupos de *status* superior e hierarquias mais elevadas de nossa sociedade. Como veremos nos relatos a seguir.

a) “Somos da favela, mas não somos favelados”: a favela como lugar de moradia:

Fica evidente nas falas citadas abaixo que no contexto em que se constrói uma análise, uma linha de pensamento para refletir as temáticas educação/favela e mobilidade social há um atalho oferece uma alternativa desviante do caminho da criminalidade. As experiências dos universitários moradores da favela a seguir nos mostram alguns elementos que motivam esses jovens a desenvolver estratégias integradoras que se contrapõem ao processo de exclusão. Porém, em muitos casos essa relação ainda acontece de forma subordinada.

“No começo era difícil falar da minha origem, com o tempo tive mais segurança para isto, pois tinha medo de ser recriminada, do preconceito, mas da maneira como tudo aconteceu naturalmente, não tive esse problema”. (...) **Nunca sofri preconceito por morar em comunidade, o preconceito muitas vezes partia de mim, ficava com, receio de falar, mas quando percebi que minha declaração contribuía para mudar o estereótipo do morador de favela, comecei a falar.** Já tive amigas que ouviram frase do tipo: Nossa você e sua amiga (eu) nem parecem que moram em favela! (...) o que a pessoa esperava de nós? Que quebrássemos o ônibus, pedíssemos dinheiro? A própria pessoa era moradora de um bairro pobre da zona oeste. (Eduarda / Psicóloga/ PUC - Rio)”.

“Quanto às experiências preconceituosas seria necessário um livro para que pudesse ser relatada. Isso é uma freqüente na vida dos que moram em favelas ou em suas adjacências, e vão desde tratamentos hostis em abordagens, (...) e, ainda com invasões de domicílio, enfim, toda sorte de abusos, muitas vezes não saio de casa pra evitar aborrecimentos, é incrível, mas na nossa democracia vivo assim”. (Eduarda / Psicóloga/ PUC - Rio).

Na declaração da moradora acima fica evidente que os estudantes moradores de favela não estão à margem do processo educacional, mas sim integrados a ele de maneira que lhes é prejudicial.

No início encontrei dificuldade financeira, pois não tinha dinheiro para passagem, xerox, etc. Depois encontrei dificuldade de tempo, pois tinha que trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Quanto à discriminação por morar em favela, não, disso eu não tenho o que reclamar, pois a minha turma era muito acolhedora. **Minha única dificuldade foi na própria favela, devido aos tiroteios, à violência.** Pois já perdi bons empregos por não conseguir sair da favela no horário correto. (Poeta/ Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda / Facha)

No final do ano 2001, devido a problemas familiares, mudei-me com minha família (pai, mãe e irmão) para a favela do Jacarezinho, onde moro até hoje (2009). Ao saber da existência do PNVC no local, procurei informações sobre as aulas e me inscrevi para ser aluna do próximo ano. **Tinha o objetivo de crescer na vida profissional e ajudar minha família a não permanecer na favela.** (Lua, Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda – Facha)

Observam que "o aparecimento desses universitários indica uma tendência de mudança nas favelas, e que conhecer o perfil desses indivíduos e sua visão de mundo pode ajudar a entender que mudança é essa, que fatores contribuem para ela e que direção parece estar tomando destacam Moriz, Fernandes e Batista (1999, p. 324-325). Nesse sentido, há uma concordância que estudar esses casos, identificando "o que permite a fuga do círculo vicioso que leva à exclusão e à marginalidade, pode ser tão ou mais útil para propostas de políticas sociais quanto apontar esse círculo vicioso.

Um dos principais artífices do Movimento do Pré-Vestibular para Negros e Carentes e estudiosos desta temática, Alexandre Nascimento (2001), destaca que, diante desta estrutura, os cursos pré-vestibulares de caráter popular funcionam como um potente instrumento de mudança nas oportunidades de ascensão social, tanto dos seus integrantes quanto, em alguns casos, de seu grupo familiar.

b) As diferentes formas de acesso a educação

Para obter um diploma de curso superior os estudantes e, alguns deles jovens profissionais, negaram o “enclave” sócio-espacial que lhes foram pré-destinados e, através de um processo alternativo viabilizaram uma série de ações educativas, interventivas e mobilizadoras na qual resgataram o direito de ingressar em uma universidade e obter a formação educacional superior. Estes, mesmo sobrevivendo os percalços de residir em um espaço que é frequentemente mencionado pela mídia e por atores estratégicos que exercem interferência sobre a

trajetória acadêmica e profissional como palco da violência relacionada ao tráfico de drogas.

Em primeiro momento como alunos e, posteriormente, como artífice do Movimento de Pré-Vestibulares Para Negros e Carentes o grupo de moradores propuseram novas formas de apropriação da cidade e de acesso aos direitos que muitos não sabiam existir. É na dinâmica da constituição deste contexto que os relatos dos próprios estudantes que iremos apresentar neste ponto da tese revelam um conjunto de situações possíveis de explicar as trajetórias de êxito destes moradores e mostrar processualmente alguns momentos de quebra de paradigma. A seguir fizemos uma leitura buscando juntar os depoimentos de cada estudante organizando a sequência dos mesmos em trajetórias de 1 a 7, pois apesar dentre os 14 alunos observados havia 7 universitários com trajetórias e leituras da realidade bastantes distintas que optamos por dar um destaque.

Trajетória 1 (Eduarda – psicóloga formada pela PUC-Rio).

Na minha família, ao mesmo tempo em que entrei na universidade, peguei o resultado que eu estava grávida, mas isso não me fez parar, ao contrário, pensar no futuro do bebê me deu mais força para continuar, óbvio que quando ela ficava doente minha vida parava, mas logo voltava pro lugar”. A maior dificuldade passou a ser “a questão dos gastos e a compra de livros era bem complicado”, mas “(...) passar a receber a passagem da própria faculdade, (...) me ajudou muito”. (Eduarda / Psicóloga/ PUC - Rio).

Durante a faculdade trabalhei no período de férias, como operadora de telemarketing, mas como a faculdade era manhã e tarde, não havia espaço para trabalho o que foi bem complicado. Lembro que durante o treinamento perdi muitas aulas, **uma professora da PUC me ligou e disse: você tem que decidir o que quer da sua vida, ou estuda ou trabalha? Após a faculdade achei que seria tudo fácil mais fiquei 1 ano trabalhando como voluntária até conseguir 2 empregos na minha área:** 1 contrato com o governo do estado e 1 prestação de serviços para uma ONG, onde estou há aproximadamente um ano. (Eduarda / Psicóloga/ PUC - Rio).

Trajетória 2: Gabriel – Formado em Direito pela PUC-Rio

Ingressei na escola, pública, Rio de Janeiro, em 1981, onde cursei os sete primeiros anos do ensino fundamental, com uma reprovação da primeira série, se não me engano, de onde sai pra estudar à noite na escola George Summer, onde cursei na modalidade supletiva o resto da sexta série. A sétima e oitava já em 1987, devido ao fato de ter sido contratado para o meu primeiro trabalho formal, com carteira assinada, aos 14 anos. Porém este não foi o meu primeiro trabalho, pois já desde meus 11 anos desenvolvi atividades diversas pra ajudar em casa, mas as conciliava com os estudos, estudava até então à tarde, e trabalhava pela manhã. O trabalho formal durou pouco, mas logo a seguir veio outro informal por alguns anos, diurno e que conciliei com todo o estudo do ensino fundamental. (Gabriel / Bacharel em Direito / PUC - Rio).

Ato contínuo ingressei no SENAC, onde cursei o ensino médio técnico contábil, à tarde, o que dificultava trabalhos formais, mas não impediu os informais pela manhã, sempre mantidos e que se apresentavam na forma de "biscates" diversos, porém ininterruptos, pois sempre fomos muito carentes. Isso durou até 1992 (reprovi o segundo ano), quando formado, porém sem qualquer experiência, fui em busca de trabalhos na área. (Gabriel / Bacharel em Direito / PUC - Rio).

Após uma longa jornada de paralisia e diversas atividades, já em 2000, ao ir a uma missa vi o anúncio do pré-vestibular, que só fui conhecer anos depois (o vestibular - falta total de informação), e devido ao interesse despertado ainda no curso do segundo grau (ensino médio), pois tínhamos matérias de direito, vislumbrei a possibilidade do curso me dar às condições de ingresso em uma universidade (pública, até então) na carreira de direito. (Gabriel / Bacharel em Direito / PUC - Rio).

Trajatória 3 – Poeta – Comunicação Social –UFRJ

Quando completei quinze anos, passei para o turno da noite, que não era diferente da manhã e os problemas continuavam... Greve falta de professores, matérias incompletas e etc. Foi um período decepcionante que abandonei o colégio por quatro anos. E retornei em 1998 para finalizar a 8ª. Série e tentar buscar novos horizontes. Infelizmente o cenário não havia melhorado tanto como eu gostaria, mas preferi continuar e terminar. Logo após, iniciei o Ensino Médio e fui seguindo conforme o calendário pedia. (Poeta / Estudante de Comunicação Social da FACHA)

Passei por uma universidade particular através de bolsa de 100% pelo PVNC. O PVNC mudou não só a minha vida como de muitos estudantes que buscam uma igualdade pela educação. Mas ainda **temos um caminho muito longo para atingir ao menos o “mundo ideal”**. **E dentro da universidade nos deparamos com vários preconceitos: de ser morador de comunidade, de identidade sexual, identidade profissional etc. Já testemunhei alguns desses preconceitos. Não passei por nenhum destes, pois nunca deixaria que alguém me rebaixasse, lutei muito para chegar aqui e isso não iria acontecer.** (...), posso dizer que a minha experiência educacional foi falha em alguns aspectos, porém muito proveitosa devido aos meus esforços e nisso contei muito com a ajuda do PVNC. (Poeta / Estudante de Comunicação Social da FACHA)

Trajatória 4 – Juca

A Minha trajetória até chegar à universidade, creio que foi semelhante à maioria das pessoas do Pré-vestibular do Jacarezinho. Sempre estudei em escola pública, pois, nunca tive condições de estudar em colégio particular, além de que minha mãe sempre confiou nas instituições de ensino público. Ao final do meu 2º grau, fiquei sabendo do PVNC, ensino de qualidade e gratuito. (Juca, Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda/ FACHA).

Com toda certeza **a minha entrada na universidade impactou todas as pessoas ao meu redor. Na minha família eu fui o primeiro a conseguir entrar em uma universidade.** Com isso, outras pessoas da minha família e até amigos descobriram que é possível estudar em universidade. Logo após que consegui vários amigos e pessoas da minha família se interessaram em fazer um curso superior. (Juca, Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda/ FACHA).

Minha irmã é um exemplo, também estudou no PVNC e hoje faz pedagogia, faz estágio no UNIBANCO. A participação no PVNC colaborou totalmente na inserção na universidade. Pois foi através do PVNC que consegui a bolsa de 100% na Faculdade Hélio Alonso. E, além de eu ter conseguido ingressar na Faculdade. Acho que **minha visão de mundo ficou mais "ampla"**. (Juca, Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda/ FACHA).

O meu período de escolaridade foi bastante tumultuado desde o início. Iniciei a minha carreira escolar no início dos anos 80 e esta época foi repleta de greves de professores, trocas de colégio para tentar uma busca melhor de ensino. E o resultado foi defasagem nos estudos, faltas de algumas matérias importantes como: Matemática. (Poeta / Estudante de Comunicação Social da FACHA)

Uma amiga comentou sobre o vestibular (coisa que nunca havia pensado em fazer) e me indicou um curso pré-vestibular comunitário. Decidir fazer e ver como era. Lá **descobri que na minha carreira escolar que havia aprendido muito pouco e teria que reaprender tudo para competir com os demais estudantes**. Nesta época fiz grandes amigos que os tenho até hoje, e aprendi não só as matérias, como ser uma pessoa melhor. Descubri o prazer de escrever, ler, pensar e conviver com pessoas das mais variadas experiências. (Poeta / Estudante de Comunicação Social da FACHA)

Quando consegui entrar para faculdade, em 2004, foi algo muito especial para mim. O impacto perante as pessoas próximas a mim foi determinante, pois muitos não acreditavam nesta conquista. Mas, sinceramente, não me preocupei com isso. Primeiro a batalha era minha e não deles e continuei. Dentro da faculdade as coisas são bem diferentes e ao mesmo tempo tão parecidas com o ensino público. Alguns descasos de professores, outros nem se dão ao trabalho de apresentar uma boa matéria. E o aluno se vê em busca de mais conhecimentos por si mesmo. (Poeta / Estudante de Comunicação Social da FACHA)

Trajectoria 5 Lua

Iniciei a vida educativa aos cinco anos, em uma escola particular muito simples no bairro onde morava (Anchieta – subúrbio do Rio de Janeiro). Em 1990, com sete anos, ingressei na Escola Municipal Abraham Lincoln, onde concluí a primeira fase do Ensino Fundamental (1ª à 4ª série). Durante estes anos, sempre fui uma aluna exemplar. Levei muitas broncas devido às brincadeiras, mas nunca tive notas baixas em meu Boletim Escolar. Concluí a segunda etapa do Ensino Fundamental (5ª à 8ª série) com 14 anos, em 1994, na Escola Municipal Cyro Monteiro, também em Anchieta. Lembro-me que muitos amigos de classe da primeira etapa do Ensino Fundamental continuaram nesta Escola também. Iniciei e concluí o Ensino Médio no Colégio Estadual Professor Joel de Oliveira, em Deodoro (subúrbio do Rio de Janeiro), e pela primeira vez saí do bairro onde morava para estudar. Lembro-me que nunca ‘repeti’ um ano ou fiquei de ‘recuperação’. (Lua, Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda – Facha)

Meu primeiro vestibular foi prestado com a ajuda do PVNC, no ano de 2002, mas não pude concluir o processo devido o falecimento do meu pai durante o período de provas, já no início de 2003. Mesmo assim continuei as aulas no PVNC e a ajudar na coordenação das aulas. **O desejo de reconstruir minha família fora da favela me fez ter no PNVC a maior força para isto**. Foi quando alguns alunos puderam concorrer a bolsas de ensino para o curso de Comunicação Social nas Faculdades Integradas Hélio Alonso. Fiz o vestibular da Faculdade e obtive a 8ª colocação. (Lua, Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda – Facha).

Trajetória 6 – Sara- UFRJ

Terminei o ensino fundamental e cheguei ao ensino médio sem saber o que era o vestibular, ou o que iria fazer quando terminasse o ensino regular. Lembro até hoje a primeira vez que um colega de turma comentou sobre o vestibular da UERJ. Foi ele quem acendeu a luz de como chegar ao curso superior. **Meus pais não chegaram a concluir o ensino fundamental e as outras pessoas próximas a mim também não sabiam muita coisa sobre a academia.** As conversas não eram sobre estudos, e sim sobre trabalho, sobre como ganhar o pão do dia seguinte.

(Sara / Estudante de Comunicação Social / FACHA e de Serviço Social na UFRJ).

Terminei o ensino médio e fiquei com aquela idéia de um dia, quem sabe, fazer uma faculdade. Mas essa idéia era muito mais um sonho do que uma possibilidade concreta. Passado o período de férias e ainda meio sem saber por onde começar fui à UERJ buscar mais informações e acabei fazendo a inscrição para o pré-vestibular do Sintuferj, local que mais tarde seria o meu segundo estágio de jornalismo. Não fui selecionada para a turma do pré-vestibular, mas o pessoal do sindicato colou na porta uma lista com o nome e endereço de vários pré-vestibulares comunitários, e entre eles o de Manguinhos. No mesmo dia fui lá, fiz a inscrição e comecei a estudar. (Sara / Estudante de Comunicação Social / FACHA e de Serviço Social na UFRJ).

(...) Fiz todos os vestibulares para as Universidades públicas que apareceram pela frente. No primeiro que eu fiz para a UERJ não passei nem no primeiro exame - hoje eu acho que aquela prova era moleza. Depois de três vestibulares para a UERJ e dois para a UFRJ, **em 2005 eu passei em todos e tive a oportunidade que a maioria dos meus amigos de infância nunca teve: escolher a Universidade onde iria estudar.** (Sara / Estudante de Comunicação Social / FACHA e de Serviço Social na UFRJ).

Antes de passar para TODAS as públicas - eu falo isso pra todo mundo - eu tive a oportunidade de estudar nas Faculdades Integradas Hélio Alonso, mas eu queria passar para a Universidade Pública. Era um objetivo de vida. Na época eu trabalhava na Caixa Econômica Federal, já estava lá há oito anos, pois como todo mundo lá em casa teve que 'encarar o batente ainda muito jovem. (Sara / Estudante de Comunicação Social / FACHA e de Serviço Social na UFRJ).

Lembro o dia em que recebi o primeiro resultado escrito **APROVADA**. Foi para a UFRJ. Passei em 6º lugar para o curso de serviço de serviço social e a minha vontade era contar para todo mundo. Liguei, mandei mensagens, contei para família inteira. Quando cheguei ao trabalho, uma agência no Recreio dos Bandeirantes, contei para as pessoas. Elas viam meu esforço e sabiam que eu queria muito. Muitos me parabenizaram, ficaram felizes. Na hora do almoço, claro, o assunto foi minha aprovação e a do filho de uma gerente. Essa mesma gerente virou para mim e perguntou: "Você passou por aquele sistema de cotas?" Eu respondi: "Não, na UFRJ não tem sistema de cotas." **Naquela hora eu vi o quanto às pessoas, aquela mulher pelo menos, não acreditava que uma pessoa pobre também era capaz de sentar nos bancos de uma universidade.** (Sara / Estudante de Comunicação Social / FACHA e de Serviço Social na UFRJ).

No decorrer dos dias fui recebendo as notas dos outros vestibulares, inclusive o ENEM (86% de acertos). Se antes o problema era a falta de opção, naquele momento era o excesso (três faculdades públicas e qualquer particular). Naquela época a UERJ estava em greve, a UFF era longe e eu ia gastar muito dinheiro de passagem. Optei por largar o trabalho, viver com uma bolsa de estudos de R\$

300,00 e fazer duas graduações. (Sara / Estudante de Comunicação Social / FACHA e de Serviço Social na UFRJ).

Hoje estou no oitavo período de jornalismo na FACHA e no sétimo de Serviço Social na UFRJ. A cada discussão em sala de aula sobre cultura, educação, direitos sociais entre outros eu percebo o quanto o Pré foi importante na minha vida. Hoje eu costumo dizer que **mesmo se eu não tivesse chegado a Universidade, já teria valido a pena sentar naquelas cadeiras.** (Sara / Estudante de Comunicação Social / FACHA e de Serviço Social na UFRJ).

Ainda quando o morador de favela comprova possuir níveis compatíveis de instrução, para receber o *status* de universitário é projetado sobre ele um estigma, uma caricatura, um preconceito. Na compreensão de determinadas pessoas, mesmo na contemporaneidade, ser negro no Brasil e morador de favela significa ocupar eternamente os estratos mais baixos da hierarquia social.

Trajatória 7 – Vera – Letras UERJ

Comecei a minha vida escolar estudando em colégios públicos e sempre fui esforçada nos estudos. **Eu sabia que a realidade que me cercava não investia em meus sonhos, isto é, o lugar onde moro, minhas condições econômicas, e algumas outras coisas concernentes à minha família, porém, nunca desisti de sonhar e lutar.** (Vera / Estudante de Letras / UERJ).

Quando estava no último ano do ensino fundamental surgiu uma oportunidade nos meus estudos, por eu ter sido considerada uma das melhores alunas do colégio onde estudava que se chama: E.M. George Sumner. Ingressei em uma escola técnica federal de grande nome, cujo nome conhecemos como CEFET/RJ. Estudei o ensino médio ali, fiz um curso técnico de segurança do trabalho e também estágio nessa área. (Vera / Estudante de Letras / UERJ).

Quando terminei os estudos queria fazer logo um curso universitário e então comecei a fazer o PVNC, pois já o conhecia devido à história de vitória da minha tia e, além disso, sabia que minha mãe não teria como pagar uma universidade privada para mim. Estudei no PVNC por dois anos, e, no segundo ano, isto é, no ano de 2007 passei no vestibular da UERJ para o curso de Letras-Port/Esp, onde estou até hoje. (Vera / Estudante de Letras / UERJ).

Quando comecei o curso, estudava pela manhã e trabalhava à tarde, nessa jornada cansativa, fiquei até o meio deste ano (2009), quando finalmente consegui me realizar como uma estudante universitária, ou seja, eu consegui uma bolsa de iniciação à docência, porque até então eu não tinha, e consegui também participar de um projeto como voluntária, em uma pesquisa de iniciação científica em minha própria universidade. Hoje dia além desses projetos, eu trabalho já na minha área como professora de espanhol em cursos particulares, além de ser professora do PVNC. (Vera / Estudante de Letras / UERJ).

As trajetórias dos estudantes em observação reforçam que os olhares que enfocavam apenas uma realidade da favela terão que se render a trajetória e história de luta empreendida por esses moradores pelos direitos sociais de difícil acesso para a população pobre. A universidade para estes estudantes, residentes na favela do Jacarezinho se constitui como uma estratégia e um caminho possível para alcançar melhores condições de vida e ao mesmo tempo romper com o

paradigma que sempre projeta a imagem da favela e de seus moradores em situação de violência e/ou de desvantagem social.

Nesta perspectiva, a análise do processo de constituição de um movimento social que vem integrando elementos de caráter estrutural da sociedade com as subjetividades presentes nas representações e nas racionalidades dos seus agentes, impôs limites às abordagens globalizantes sem, contudo, anular seu mérito. Neste ponto, alguns autores (Bourdieu, 1994; Gohn, 1997 e outros) arriscam dizer que é neste campo de luta simbólica que temos que nos aplicar se quisermos compreender a passagem do sentido prático das posições ocupadas, utilizadas para diferentes explicações e manifestações políticas.

Diante do exposto, refletir as práticas cotidianas dos participantes de nossa pesquisa, as suas representações sobre a vida (sociedade e natureza) e a forma como eles a constroem e se orientam, a partir dos desenhos de seus mundos, torna-se fundamental. Esta estratégia revela-se importante para situar o lugar de onde falam os líderes e os eventos dos quais suas falas se referem.

Para tanto acumularam valores de cidadania que já no nascimento foram violados a eles e a todos os moradores pobres, especialmente, aqueles que residem em espaço subjugado como é o caso da favela e de outras regiões periféricas da cidade.

5.2. Cidadania – da leitura crítica no PVCN ‘a formação universitária

A participação dos grupos economicamente desfavorecidos no Movimento de Pré-Vestibulares para Negros e Carentes, destaca Nascimento tornou-se um fator crucial na viabilização do rito de passagem, ou seja, nos primeiros passos para a entrada de estudantes negros e carentes na vida acadêmica. Para o autor, o fato de serem trabalhados nos cursos problemas relacionados à baixa auto-estima, característica muito comum nos grupos marginalizados e estereotipados, favoreceu o surgimento de um leque de possibilidades, capazes de ressignificar um conjunto de atitudes, crenças e códigos de comportamento impostos às classes populares, levando-as a realizar, no curso de suas biografias, mudanças do *status* social que proporcionaram impactos positivos, principalmente, no seu grupo social de origem.

O pré-vestibular foi essencial, eu não fazia a idéia real do que era a faculdade em si, sabia que era depois do segundo grau, meu pai havia concluído administração, mas passava muitas fantasias na minha cabeça. As aulas de cultura e cidadania mudaram minha atitude diante da vida, hoje reivindico tudo que não acho justo, graças ao PVNC, que é o responsável por inúmeras mudanças em minha vida: minha forma de olhar o mundo, as pessoas, de lutar por meus direitos, me deu mais segurança para falar em público, me fez conhecer e reconhecer o valor da minha etnia. (Eduarda / Psicóloga).

(...) Foi nas aulas de Cultura e Cidadania que eu passei a compreender muitas coisas da minha realidade que eu já não concordava, mas não entendia muito bem como as coisas se davam. Enfim, muitas coisas que eu hoje consigo compreender quem me ofereceu as bases foram àqueles professores que me estimularam a pensar, a questionar e a buscar possíveis soluções. (Sara / Estudante de Comunicação Social / FACHA e de Serviço Social na UFRJ).

Acho importante salientar que tal curso não era só um pré-vestibular preparatório tinha também uma forte inserção ideológica e política e, apesar de me julgar muito informado, fui surpreendido com uma série de detalhes de situações implícitas nos noticiários, enfim pode-se dizer que eu era uma pessoa, ideologicamente falando antes do pré e outro após. (Gabriel / Bacharel em Direito)

(...) fui bastante feliz, pois apesar de estar há oito anos sem estudar, ainda assim fui aprovado, pra uma universidade particular, com bolsa 100% e no segundo semestre, o que não era meu objetivo. Devido a isso continuei no ano seguinte como aluno e tentando passar para universidades públicas, sem êxito, depois ainda procurei transferência, mas era muito difícil, ainda mais na minha área, enfim permaneci na Puc e terminei meu curso. Nos primeiros períodos não comentei com ninguém sobre o curso, depois as pessoas foram descobrindo, enfim muitos faziam várias perguntas, a família, enorme, criou diversas expectativas, algo novo, diferente pra uma turma de imigrantes nordestinos, etc. Hoje estou formado e espero começar a desenvolver minha atividade profissional, pretendo ainda me especializar e enfim seguir minha carreira profissional a qual cominará com uma atividade pública onde possa reverter o que recebi para as pessoas desassistidas, espero e pra isso vou lutar. (Gabriel / Bacharel em Direito)

Somente quando o projeto do Pré Vestibular para carentes entrou em minha comunidade e eu tive a oportunidade para voltar aos estudos foi que percebi o quanto a não continuação dos estudos havia afetado a minha auto-estima. Precisei de três anos no PVNC para conseguir a vaga que queria em História, em uma universidade pública, já que estava defasada pelo muito tempo longe dos estudos. (Luiza / Bacharel em História da UERJ)

PVNC, no âmbito prático material, redirecionou minha trajetória de vida. Ao abrir a porta da universidade para mim, também alargou meu universo de relações o que é muito importante para minha constante interação entre meus pares. (Luiza / Bacharel em História da UERJ).

(...) Porém valeu à pena, não que me ache melhor ou mais capacitada que qualquer outra pessoa do meu convívio. Apenas me sinto como alguém que, após a privação de algo extremamente essencial, pudesse ter sido saciada. (Luiza / Bacharel em História da UERJ).

A minha trajetória escolar confunde-se com a realidade escolar da maioria dos negros e carentes deste país. Desde cedo, minha condição de filha de pai operário com 8 filhos, levou-me a não alimentar o desejo de potencializar minha capacidade para adquirir o conhecimento, mas, ao contrário, a pensar que, o mais longe que eu poderia almejar alcançar era a conclusão do 2º grau, e isso

apenas para tentar melhorar minha situação no mercado de trabalho. (Luiza / Bacharel em História da UERJ).

Posso dizer que a Universidade me tornou uma pessoa mais consciente e crítica o que causou um impacto nos meus relacionamentos, pois, abandonei a passividade e passei a posicionar-me ativamente nas discussões que participava e a procurar expor minhas opiniões sempre de modo a embasar as idéias que defendia. (Luiza / Bacharel em História da UERJ).

Porém a inserção na universidade também trouxe alguns obstáculos. A princípio tive bastante dificuldade para me relacionar com os colegas que, em sua maioria, eram bem mais jovens que eu. Na família, eu precisei que entendessem que eu precisaria de privacidade para minhas leituras, o que é muito difícil em uma casa onde a família é grande. E na comunidade religiosa que participo precisei ficar ausente. (Luiza / Bacharel em História da UERJ).

Iniciar o Ensino Superior não foi um “sonho realizado” e sim uma vitória alcançada com a colaboração do PVNC. Durante os primeiros períodos a coordenação da Faculdade convidava os alunos bolsistas do PVNC para uma reunião. Isto me preocupava, pois não sabia se estavam se preocupando com os bolsistas do PVNC ou com os outros alunos. A última reunião aconteceu no início do terceiro trimestre e confesso que me senti aliviada quando percebi que não nos chamariam mais. (Luiza, Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda – Facha)

Minha primeira experiência profissional foi através de um estágio na área de Comunicação Interna em uma empresa de *CONTACT CENTER*. Durante este período pude colocar em prática meu aprendizado e me desenvolver nos projetos internos. Tornei-me Publicitária em agosto de 2007 e, embora muitos familiares não residam em favelas, fui a primeira pessoa da família (tanto paterna quanto materna) a ter o Ensino Superior concluído. Um orgulho para minha família. Após minha formatura fui promovida a Auxiliar de Comunicação, e permaneci por 8 meses nesta função, quando passei em um processo seletivo para Analista de Marketing em uma Seguradora, onde trabalho atualmente. (Luiza, Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda – Facha)

Muitas conquistas foram realizadas através da minha formação e dedicação profissional. Meu noivo é uma delas! O conheci quando estagiava, após um ano iniciamos o namoro e nos casaremos no início de 2010. Além do prêmio Lâmpada de Prata 2008, conquistado por um título de anúncio de outdoor da seguradora que trabalho. Sei que a “estrada” está apenas iniciando, mas talvez esta história não existisse sem a ajuda do PVNC. (Luiza, Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda – Facha)

Conforme vimos nas trajetórias dos sujeitos apresentadas acima, na perspectiva da cidadania substantiva para além da inclusão individual produzida pela lógica burguesa que reduz a entrada de estudantes pobres na universidade a mera emancipação econômica e social. A inserção de moradores da favela do Jacarezinho na ação do PVNC abriu diferentes oportunidades para que estes se tornassem, ao mesmo tempo, agentes e instrumentos de transformação de uma dada realidade.

Nos depoimentos acima também ficou evidente que a simples presença de estudantes pobres no mundo acadêmico também simboliza a materialização da

luta por iguais condições de acesso e a prova cabal da existência da distância entre a universidade e a realidade destes jovens. Mas, o processo de construção de conhecimento por via da ação no movimento dos Pré-Vestibulares pôs em evidência o lado questionador destes moradores que hoje estão mais atentos, passando a produzir importantes críticas sociais.

Afirmando muitos dos depoimentos relatados acima, um dos principais artífices do Movimento do Pré-Vestibular para Negros e Carentes e estudiosos da temática educação, cidadania e pedagogia dos movimentos populares, Nascimento (2001) destaca que diante do processo de ingresso na universidade, os cursos pré-vestibulares de caráter popular funcionam como um potente instrumento de mudança nas oportunidades de ascensão social, tanto dos seus integrantes quanto, em alguns casos, de seu grupo familiar. Para este autor, a participação dos grupos economicamente desfavorecidos no Movimento de Pré-Vestibulares para Negros e Carentes, tornou-se um fator crucial na viabilização do rito de passagem, ou seja, nos primeiros passos para a entrada de estudantes negros e pobres na vida acadêmica.

Para Nascimento (2001), o fato de serem trabalhados nos núcleos do PVNC problemas relacionados à baixa auto-estima, característica muito comum nos grupos marginalizados e estereotipados certamente favoreceu o surgimento de um leque de possibilidades, capazes de ressignificar um conjunto de atitudes, crenças e códigos de comportamento impostos às classes populares. Sob importantes orientações recebidas no transcurso do curso pré-vestibular, os estudantes pobres são levados a realizar, no curso de suas biografias, mudanças do *status* social que proporcionaram impactos positivos, principalmente, no seu grupo social de origem tanto familiar como nas vivências do bairro, em outras palavras este estudante dimensionam o investimento que lhe foi aplicado para um grupo expressivo a partir da sua relação de vizinhança.

As pecarias formas de acesso à educação, o preconceito, a discriminação racial e econômica, a problemática de gênero, o modelo perverso de urbanização e de apropriação do espaço urbano coletivo são temáticas que foram amplamente debatidas nas aulas de cultura e cidadania dos núcleos do PVNC. Esta tinha por finalidade principal preparar os estudantes pobres para no ingresso ao curso acadêmico a lógica perversa de uma estrutura que o insere de forma subordinada.

Nesta perspectiva, a análise do processo de constituição de um movimento social que vem integrando elementos de caráter estrutural da sociedade com as subjetividades presentes nas representações e nas racionalidades dos seus agentes, impõe limites às abordagens globalizantes sem, contudo, anular seu mérito. Neste ponto, alguns autores (Bourdieu, 1994; Gohn, 1997 e outros) arriscam dizer que é neste campo de luta simbólica que temos que nos aplicar se quisermos compreender a passagem do sentido prático das posições ocupadas, utilizadas para diferentes explicações e manifestações no campo da política.

A experiência dos estudantes moradores da favela do Jacarezinho nos permitiu refletir as práticas cotidianas, as suas representações sobre a vida (sociedade e natureza) e a forma como constroem e se orientam, a partir dos desenhos de seus mundos, torna-se fundamental. Esta estratégia revelou-se importante para situar o lugar de onde falam os líderes e os eventos dos quais suas falas se referem.

Para ilustrar as respostas das perguntas colocadas por neste estudo, iniciamos este ponto com uma questão que, em nossa compreensão, nos permitirá visualizar como os moradores envolvidos nesta pesquisa percebem e definem a favela e qual a representatividade deste termo nas suas relações sociais¹.

Assim, mesmo diante de resultados estatísticos produzidos por respeitados institutos de pesquisas tais como: IBGE, IPEA, PNUD e outros que comprovam, numericamente, que as ações públicas empreendidas, isoladamente, não deram contas de superar as desigualdades sociais existentes. Renomados estudiosos criticam as ações afirmativas que vêm sendo proposta pelo Estado brasileiro, cria obstáculos para qualquer outro tipo de ação que possa trazer mudanças sociais mais incisivas, porém não apresenta nenhuma proposta.

Na atualidade, existem diversos seguimentos do Estado voltados para o desenvolvimento de estratégias que visam a democratização do acesso à educação nos seus mais diferentes níveis, em especial, a superior. Neste contexto tecemos algumas críticas aos modelos de universidade que vêm se dedicando a formar profissionais para o mercado de trabalho, sem refletir que uma universidade que queira educar, não pode ficar circunscrita à realidade de um só grupo e de uma só

¹ Pesquisa realizada com moradores da favela do Jacarezinho envolvidos na ação do Pré-Vestibular Para Negros e Carentes, em abril de 2003 a março de 2004.

cultura. Pois, é por sua própria natureza que nela foram depositadas a condição que deveriam assegurar um diálogo constante entre todas as culturas.

Espera-se que a universidade, por um lado contribua para o desenvolvimento da ciência, para a formação de profissionais de nível superior técnico e de intelectuais que os sistemas necessitam. E, por outro que ela seja é a instituição social que articula o ensino, a pesquisa e a extensão nos níveis mais elevados da política educacional de um país, satisfazendo os requisitos pré-fixados pela sociedade.

Muitas histórias de gente comum que busca um lugar plausível no mundo da cidade. É deles que retiramos uma leitura sensível e detalhada, os modos de vida, as experiências culturais, as atribuições de valorizações e estigmas, as sempre renovadas tentativas de sobrevivência digna, enfim, o tempo, o espaço e a riqueza que se mesclam para produzir vínculos identitários na vida social;

5.3. As sinergias e os descompassos

Em recente reportagem, o então governador do Estado do Rio de Janeiro, Sr. Sérgio Cabral, revelou sua opinião e percepção acerca dos moradores de favela. Quando questionado a respeito da legalização do aborto, seu posicionamento foi favorável, mas, destacou que: "O número de filhos por mãe na Lagoa Rodrigo de Freitas, Tijuca, Méier e Copacabana é padrão sueco. Agora, pega na Rocinha. É padrão Zâmbia, Gabão. Isso é uma fábrica de produzir marginal."

O discurso supramencionado restaura e potencializa uma relação de poder pautada nas desigualdades entre os grupos sociais que residem no espaço urbano, na medida em que ele resgata ideais, muito comum na sociedade escravocrata se eterniza sem ser perturbado. Ou seja, se de um lado a sociedade escravocrata representava uma barreira que impedia qualquer possibilidade maior de dinamismo nas relações sociais, por considerar que os escravos não pertencem a uma classe social, por outro o discurso do então Governador do Estado do Rio de Janeiro, reafirma que as relações estabelecidas com os moradores da favela representam uma ameaça a cidade e aos seus moradores, afinal de contas, eles são favelados e não, porém não cidadãos.

O infeliz comentário revelou a visão reducionista do Estado que a todo o momento, resgata a gênese do discurso fundador das favelas para desqualificar e apresentar uma análise rasa e descontextualizada dos moradores do lugar. Esta por sua vez não faz uma articulação entre o aumento da violência a degradação das condições sociais, fruto das elevadas taxas de desemprego,

Assim, ao recuperar o mito da marginalidade² intrínseco no conceito de favela dando ênfase ao conteúdo pejorativa presente na origem deste termo para culpabilizar as mães da favela determinando, inclusive, que as crianças nascidas de seu ventre seriam potenciais criminosos, o então governador de um lado, demonstraram a visão limitada do Estado, mostrando-se despreparado para debater e confrontar esta face da expressão da questão social brasileira. E, por outro, ocultou o processo de intervenção arbitrária do Estado nesta localidade.

O quadro sucinto comentado acima representa um “surto”, um efeito colateral da ação do próprio Estado que, ao definir a favela através de seus aspectos negativos, alimentou e favoreceu a repetição e perpetuação de discursos que, já no início do século XX, acabou por impulsionar uma série de preconceitos sociais contra as pessoas que residem neste lugar. Como efeito, os moradores da favela passaram a sofrer interferências negativas diretas na sua interação social e no processo de formação e afirmação de sua própria identidade, tornando-a continuamente conflituosa, nos mais diferentes meios de socialização.

Contrariando uma visão patologizante direcionadas as famílias pobres alguns autores Silva (1996), Zaluar (2004), Garcia (2009) e outros destacam que o crime organizado não é de periferia, não tem o seu comando nas favelas, não tem o seu comando nos presídios. Ele tem comando nos segmentos de elite, nos segmentos top da sociedade. Os líderes do crime organizado não moram na favela, quem mora nas favelas são os chefes dos pontos de venda.

O fato de não refletir o senso comum, levou os moradores a colaborarem para o enfraquecimento do discurso que insiste em apontar o favelado, que ascende por via da educação, como uma exceção que confirma a regra, reforçando a idéia de que a universidade não é mesmo lugar de negros, pobres e de favelados? Na medida em que este espaço não considera em sua análise as

² Em 1977 que Janice Perlman, com a publicação de seu livro *O Mito da Marginalidade*, contrariou a teoria vigente na época de que os morros cariocas seriam focos de violência, doenças e prostituição. Ela foi precursora e formuladora de uma nova interpretação ao afirmar que os favelados eram, na verdade, os grandes prejudicados por um sistema social fechado e excludente.

estratégias coletivas, tende a dizer que *“este morador é alguém que ‘deu sorte’ ou chegou lá porque ‘é melhor’, ‘mais inteligente’ ou ‘se esforçou’ mais do que a maioria efetivamente faz”* Teixeira (2003, p.15).

A constatação de que *"existe um grupo de estudantes pobres e muito pobres que estão conseguindo ultrapassar barreiras ao longo de suas trajetórias escolares, ingressar e permanecer nas universidades públicas"* (Bori & Durham, 2000, p. 41) deve ser acompanhado de estudos que permitam conhecer as reais condições dessa escolarização

Elas são parte integrante de um processo de formação da sociedade brasileira que opera dentro de uma lógica de exclusão, fortemente presente nas relações estabelecidas na sociedade. Para Nascimento (1997), esta lógica de exclusão supera as relações de classes, pois, ela tem como núcleo duro o racismo, o preconceito e as práticas de discriminação.

Conforme sinalizou Lopes,

o PVNC, por não seguir nenhum referencial político tradicional, acabou abraçando o quilombismo como prática política. Por quilombismo se entende a continuidade da dinâmica dos mocambos nas instituições negras posteriores, escolas de samba, favelas, irmandades religiosas e outras. Podemos até afirmar, seguindo essa lógica, que o quilombismo é um processo civilizatório centrado no negro que as elites combatem através do racismo. O racismo, ao contrário do que muitos dizem, não é apenas um “efeito colateral” da escravidão. Muito mais que uma “ressaca social”, o racismo é um dispositivo de controle do imaginário. Um entrave para a criatividade radical das massas. A discussão racial nas aulas de Cultura e Cidadania ativou o lado negro adormecido por anos de massacre racista e durante os primeiros anos de vida do pré, novos laços foram criados. Núcleos eram criados, acabavam e ressurgiam “do nada”. Os conselhos e as assembléias surgiram como espaços de deliberação e a carta de princípios como a ratificação das bases de uma nova forma de organizar as pessoas. Um processo criativo que, por sua vez, não vem do nada, mas surge do eco dos tambores.³

O processo em que os grupos participam como sujeitos históricos e constroem novas visões de mundo, a partir da crítica do vivido, onde interesses e valores são redimensionados e re-situados, conquistar uma personalidade significa adquirir consciência destas relações, modificarem a própria personalidade significa contribuir para a modificação do conjunto destas relações.

Possuem certa “autonomia”, desde que não se oponha aos objetivos postos pelos governantes e setores privados mantenedores. A universidade como um dos aparelhos ideológicos privilegiados da formação social capitalista, tanto na

³ NASCIMENTO, Alexandre do. **Notas sobre pedagogia no PVNC**. Acessado em 22/04/2011. Disponível em <http://www.alexandrenascimento.com>.

produção das condições materiais e da divisão social do trabalho em intelectual e manual, quanto para garantir as funções de inculcação política e ideológica dos grupos e classes dominantes.

Espera-se que a universidade, por um lado ela contribua para o desenvolvimento da ciência, para a formação de profissionais de nível superior técnico e de intelectuais que os sistemas necessitam. E, por outro que ela seja a instituição social que articula o ensino, a pesquisa e a extensão nos níveis mais elevados da política educacional de um país, satisfazendo os requisitos pré-fixados pela sociedade.

No contexto brasileiro, a “autonomia” da universidade está muitas vezes engessada na medida em que seus estudos não podem se opuser aos objetivos postos pelos governantes e setores privados com as quais ela estabelece relações. Este problema reforça a universidade como um dos aparelhos ideológicos privilegiados da formação social capitalista, tanto na produção das condições materiais e da divisão social do trabalho em intelectual e manual, quanto para garantir as funções de inculcação política e ideológica dos grupos e classes dominantes.

É importante refletir, sobre a representação da universidade no passado e problematizar as mudanças em curso, o conteúdo de suas políticas de ensino, pesquisa e extensão, os graus de autonomia, a sua vinculação ao processo de democratização, as contradições que enfrenta as carências e as limitações de sua missão. Pois, do ponto de vista da formação, o termo universidade está ligado a – cultura, ciência, ensino superior, pesquisa e muitos outros. Logo, ele tem que ser compreendido em um conjunto, considerando que as escolas e as universidades devem partir de uma meta educacional mais ampla que é a de atingir a diversidade intelectual, superar, inclusive, suas restritas funções de qualificar os mais aptos para exercer diversas profissões e diferenciar os saberes (pré-científico do científico, a cultura erudita da popular).

Colocar a universidade dentro do contexto contraditório em que originam as desigualdades, analisando seus limites e possibilidades, é em certa medida, uma maneira de inseri-la nas lutas universitárias e no conjunto das lutas sociais explicitando como os intelectuais universitários podem se constituir em um importante artífice na conquista da uma sociedade mais igualitária.

Sabemos que as universidades detêm o poder das ações e dos conhecimentos que o sistema necessita para a sua reprodução. Porém, a universidade não é o único lugar privilegiado para conhecer a cultura universal e as várias ciências, para criar e divulgar o saber.

Dado o grau de importância das universidades nos processos de mudanças de uma realidade social, ela deve buscar uma independência própria e uma adequação à realidade dos irrestritos grupos sociais. Dito de outra forma, a universidade que serve ao sistema dominante, mas pode também servir a transformação social; na medida em que ela funciona como locais apropriados para a educação das elites, deve também inserir, de forma não subalternizada, e servir as classes populares.

Pois, uma universidade que não objetiva se dedicar exclusivamente à formação de profissionais para o mercado de trabalho, mas que queira educar. Pelos motivos expostos a universidade não pode ficar circunscrita à realidade de uma só cultura, mais sim, assegurar um diálogo constante entre todas as culturas.

Considerando, que é no interior das diversas culturas que se gestam idéias e concepções diferentes acerca da realidade. A universidade deve assegurar ainda o princípio do pluralismo, abrindo espaço para o livre debate dessas idéias e concepções, permitindo a livre manifestação de pensamento, mesmo dos discordantes das orientações oficiais.

Na proposta deste redesenho, estamos considerando que, a universidade enquanto uma instituição destinada a formar quadros-chaves com vistas a colaborar com o desenvolvimento econômico, social e cultural do país, não irá banalizar os aspectos deste fenômeno social, digo a luta pelo acesso e permanência, na universidade e o ingresso das camadas mais empobrecidas no mercado de trabalho pelo viés da educação.

Logo, ao investigar a experiência de educação popular, empreendida pelos moradores da favela do Jacarezinho, buscamos nos apropriar do sentido mais profundo desta palavra, para reforçar um conjunto de críticas, aos processos educacionais que, voltados para atender apenas as demandas produtivas da sociedade tratam o estudante *como produto e não como produtores intelectuais* (Balestreri, 13).

Nossa análise se ancorou em produções acadêmicas voltadas para explicar a educação a partir de processos de socialização. Pois, observamos que a

formação do grupo em observação foi gestada por via de ações também pautada em reivindicações coletivas para rever alguns direitos já conquistados, sobretudo, aqueles que estão intrínsecos a idéia de cidadania, mas, que na prática continuam inacessíveis aos grupos minoritários.

5.4.

Ele era um homem muito importante, mas eu não seria ninguém: subversão a lógica da exclusão

Para ilustrar a análise da inserção dos estudantes moradores da favela do Jacarezinho em questão, foi necessário apresentar pequenos relatos e tecer alguns comentários sobre as experiências de preconceito e discriminação a partir do cotidiano das pessoas em observação. Esta estratégia nos ajudou a entender e explicar os descompassos entre as aspirações desses jovens e suas possibilidades objetivas de realizar o sonho de acesso e permanência no curso de nível superior.

Ao discutir a questão da identidade dos moradores, percebemos que somente conhecendo a história da formação e as condições em que vivem, podemos entender suas relações com o espaço, suas necessidades e suas expectativas. Por este motivo, valorizamos o conhecimento acumulado nesta trajetória escolar, familiar desde a infância.

Conforme veremos a seguir, em trechos de algumas entrevistas dadas ao Jornal Folha Dirigidas, em período recente, em uma matéria que a edição deste jornal tratava da problemática do acesso a universidade vivenciada pelos jovens pobres no Brasil, também auxiliaram na construção dos resultados desta tese. Vejamos alguns casos,

S., aos 31 anos, acreditava que serviria de exemplo para os jovens. Morador da favela do Jacarezinho, após três anos em um curso pré-vestibular comunitário, passou para o curso de Geografia no vestibular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e na Universidade Federal do Rio de Janeiro passou, mas não foi classificado dentro das vagas.

"Eu tinha tudo para dar errado. Desde criança, vivia na rua. Não tive pais, fui criado por avós. Não tinha nenhuma perspectiva na vida. Uma vez, um diretor de escola me comparou com ao escritor Sílvia Romero: *ele era um homem muito importante, mas eu não seria ninguém*". Este, depois de ficar cinco anos sem

estudar, conheceu o Pré-vestibular para Negros e Carentes (PVNC) e começou a sonhar em entrar em uma faculdade.

Antes de decidir cursar a universidade, S. acreditava que o ensino médio era mais que o suficiente. Sua visão de mundo mudou. Agora, pai de duas filhas, ele quer ser um bom exemplo. ***"Hoje, tenho base para discutir até sobre política. As pessoas me vêem de outro jeito, porque larguei a vida que levava. Quero terminar minha faculdade e contribuir com os outros como professor de Geografia"***.

S. informou que esteve envolvido no tráfico por 8 anos, mas, a ver seus amigos morrer nas mãos do chefe do tráfico local, avaliou que aquela não era a vida que ele queria levar. Então, inicialmente buscou ajuda na igreja e depois da coordenação do Pré-Vestibular local. Hoje ele é uma das principais liderança, dedicado e obstinado. Através do PVNC conseguiu um emprego na GE, mas, após algum tempo foi demitido e passou a vender mate na praia, reflete:

"gosto de vender mate para playboy, quando dou o troco viro a minha carteirinha da universidade em um plástico em que guardo o dinheiro da venda, de forma que a mesma fique visível. Eles têm que vê que sou negro, camelô, morador de favela, mas estudo em uma universidade pública".

N., de 22 anos, também fez o PVNC Jacarezinho e voltou para dar aulas de Biologia. Ela estuda na Universidade Castelo Branco (UCB), onde ganhou uma bolsa pelo Programa Universidade para Todos (ProUni) no curso de Medicina Veterinária. Segundo ela, o pré-vestibular exerce uma função social muito importante, principalmente na orientação dos moradores da favela.

N., atualmente trabalha em uma grande clínica veterinária na Barra da Tijuca. Fez um concurso para a polícia civil foi aprovada e está aguardando a chamada do concurso.

"O curso PVNC dá uma visão importante do que é realmente um vestibular. As pessoas não sabem. Algumas acham que só de estar fazendo um curso já estão aprovadas para a faculdade. Temos que explicar o que é isenção e reclassificação, por exemplo. Além disso, muitos nem sabem onde ficam as universidades", revela. N., inclusive, conta que perdeu uma vaga na UERJ por falta de conhecimento do que era uma reclassificação. ***"Eu tinha passado, mas só fui saber dois meses depois"***.

Para quem vem da favela, entrar em uma faculdade significa enfrentar muitos obstáculos. Um deles é o preconceito. **N.** o acredita que isso não tem a ver com a cor da pele. *"Não sou negra, mas já sofri preconceito, só porque vim de uma comunidade carente. As pessoas acham que somos inferiores"*.

Rua ex-aluno do curso que voltou para dar aulas, para **Rua.**, uma das funções mais importantes do PVNC é a percepção, por parte dos alunos, da coletividade. *"Todos estão muito interessados e batalhando porque querem mudar. Diferente de um pré-vestibular particular, às vezes o pai paga e o aluno não quer estar lá. No comunitário, a gente sabe que a realidade é diferente porque não há um clima de competição. O objetivo é um crescimento conjunto"*.

Cursando o terceiro período de Matemática na Universidade Estácio de Sá, com bolsa integral através do Programa ProUni, **Rua** revela que escolheu ser professor porque sabe do poder de transformação da educação. Ele ficou dois anos sem estudar e, estudando por conta própria, percebia que não tinha condições de ser aprovado no vestibular. *"O curso está totalmente ligado com a realidade da comunidade carente, porque é uma forma das pessoas mostrarem que desejam mudar a história do lugar"*.

Para combater o preconceito, um dos sistemas mais defendidos pelos alunos de cursos pré-vestibulares comunitários é o de cotas, já adotado no Brasil por universidades federais e estaduais. "Isso é necessário. Todo mundo sabe que o ensino está muito ruim na escola pública, o que é um paradoxo, porque as melhores universidades são as públicas. *Sem as cotas, eu não teria como entrar em uma faculdade"*, conta **K.** *19 anos, caloura da UERJ este ano no curso de Letras.*

K. é um caso diferente nas comunidades carentes: cursou o ensino médio em uma escola particular, com bolsa. Ela lembra que acreditava ser capaz de entrar em uma faculdade, mas não sabia como. *"Meus colegas na escola falavam da universidade, mas eles têm um poder aquisitivo maior que eu. Mas eu pensava: se consegui chegar até ali, posso ir mais longe. O curso pré-vestibular permitiu isso"*.

Para **L.**, de 33 anos, que está prestes a concluir o curso de Direito na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), como bolsista integral da Ação Social da PUC-Rio, um grande obstáculo surge após a faculdade:

a entrada no mercado de trabalho. Seu objetivo é fazer concurso público. *"Nem estágio posso fazer, porque exige uma formação maior do que tenho, como Inglês, por exemplo. E nestas horas, o empregador quer saber de onde você vem. Aí, é preciso até usar o subterfúgio de dar o endereço de alguém que mora fora da favela", revela.*

Depois de ficar oito anos sem estudar, L. acredita agora que está no caminho certo para dar uma vida melhor para a sua família. *"Quando terminei o ensino médio, achei que estava me livrando dos estudos. Mas depois, vi que a faculdade ia transformar a minha vida. Sei que o estudo é o caminho para isso".*

A., de 29 anos, também ficou muitos anos sem estudar. Foram 11 anos longe da escola. Em 2007, virou calouro da UERJ no curso de Serviço Social. Para ele, a palavra que resume todas estas histórias é "esperança". "A faculdade é uma porta. Além de uma boa formação, a gente pretende também correr atrás de um salário melhor. Mais do que isso: *temos que mostrar para a sociedade que na favela moram, sim, pessoas pobres, mas que estão batalhando para melhorar de vida. E vamos conseguir".*

"Depois que entrei para a faculdade se tornei um grande exemplo para as pessoas próximas a mim. *É muito gratificante as pessoas falarem para os meus pais que eles têm um filho que toda família queria ter, inclusive o pessoal do tráfico.*" Diz Z.

"Um grande número de jovens e adultos foi inserido nas universidades privadas e públicas, aumentando a esperança de um futuro melhor nessa comunidade esquecida por nossos governantes, diminuindo em certo ponto a violência." Z.

"O PVNC, diz Z. é a principal alternativa para quem busca um futuro melhor, pois faz o individuo exercer uma análise crítica sobre o que acontece em sua volta ampliando o horizonte."

Nos depoimentos acima podemos perceber que, a questão do ingresso na educação formal tem sido objeto de muitas abordagens. Porém, a maior parte dos estudos e pesquisas realizadas neste campo têm se mostrado preocupadas apenas em dimensionar a ascensão social dos indivíduos. Neste sentido, ainda são raras aquelas que fazem referências diretas às desigualdades de acesso ao mundo

acadêmico, sobretudo, as que dizem respeito às condições econômicas, com enfoque na discriminação racial, muito comum neste campo.

Mas, a universidade enquanto uma instituição destinada a formar quadros-chaves com vistas a colaborar no desenvolvimento econômico, social e cultural do país, não deveria naturalizar a quase ausência de determinados grupos sociais no mundo acadêmico, como por exemplo, os negros e os moradores de espaços populares.

Kamel (2003), diretor de jornalismo da Rede Globo, supõe que a política de cotas proposta pelo Governo Lula dividiria o Brasil em duas cores e, eliminaria todas as nuances características da miscigenação brasileira. Para o jornalista, o maior problema do país talvez não seja a segregação pela cor da pele - e sim pela quantidade de dinheiro que se carrega no bolso, logo, ele conclui que o branco pobre tem a mesma dificuldade de acesso à educação que um negro pobre.

Para Garcia (2009), a discriminação racial, por exemplo, é específica e não se esgota na discriminação na exploração de classes. Para autora o racismo brasileiro tem contribuído para a perpetuação das desigualdades raciais, através da retórica anti-racista, que naturaliza tanto as desigualdades raciais como as sociais, confinando amplos seguimentos negros nas posições inferiores da hierarquia social. Garcia (2007).

A idéia defendida por Kamel (2007) encontrou eco, na publicação produzida por um grupo de pensadores que compõe o quadro de renomados intelectuais, militantes de movimentos sociais e cientistas de várias áreas, sobretudo, aqueles presentes no cenário acadêmico das principais universidades públicas brasileiras. Estes produziram uma coletânea de artigos, cujo objetivo principal era o de afirmar, por via de argumentos frouxos, a não existência do racismo e do preconceito no Brasil.

Santos (2000) traz uma contribuição que esvazia de conteúdo a tônica dada pelos intelectuais que assinam a coletânea supramencionada, sobretudo, quando destaca que, tanto o modelo cívico cultural, quanto o político brasileiro é herdeiro da escravidão. Para o autor, a escravidão marcou o território, marcou os espíritos e marca ainda hoje as relações sociais em nosso país.

Tendo como ponto de partida a sua própria experiência, Santos (2000) informa que, apesar de ter instrução superior e ter uma personalidade forte, não era tratado como um cidadão integral deste país, na medida em que estava

inserido na realidade de todos os negros brasileiros, exceto quando o apontavam como exceção. Diante do fato, reflete que ser apontado como exceção, além de ser constrangedor para aquele que o é, constitui algo de momentâneo e, impermanente, o reafirmando como resultado de uma integração casual.

Conforme sinaliza Nascimento, Ignacio e Pinheiro (2004) é fundamental destacar que, como em um estado de embriaguez, para produzir argumentos e instrumentos de combate a esta prática “milena”, se faz necessário mais do que reconhecer, ou seja, é preciso assumir a sua existência do racismo. Pois, *“de fato ele é produtor de desigualdades e, que sem considerar isso, não é possível produzir uma elucidação real e sincera sobre a sociedade brasileira, sua história, suas dinâmicas e seus problemas”* (p. 196).

É no interior deste debate, que se estrutura a luta pelo ingresso e permanência, na universidade e no mercado de trabalho pelo viés a educação que baseamos esta tese. Nos interessa também observar, o processo de transformação do desejo individual de acesso ao ensino superior, a partir de uma multiplicidade de lutas potenciais engendradas por sujeitos em ações coletivas, que têm por finalidade não apenas romper as barreiras que dificultam (e até mesmo impedem) que estudantes oriundos das camadas populares participem de determinados níveis de ensino, mas, sobretudo, garantir o acesso a um conjunto de direitos de cidadania.

Sabemos que mesmo a universidade brasileira que se configura em um dos poucos redutos do exercício do pensamento crítico em nosso país, ainda, não tem conseguido transformar seu espaço em um lugar que, possibilite oportunidades iguais a todos, do ponto de vista da justiça social e racial. Dito de outra forma, tratar estas questões com tamanha indiferença reforça o impressionante desconhecimento e a tamanha distância ou descaso do mundo acadêmico em ajudar a combater os mecanismos que produzem a exclusão social com as quais esta instituição convive desde a sua origem convive.

Aos poucos, a bibliografia brasileira sobre a presença de estudantes de origem popular no ensino superior vai sendo enriquecida com estudos e pesquisas elaborados a partir da observação direta do cotidiano escolar. Este é o caso de inúmeras pesquisas conduzido nas universidades brasileiras, cujo eixo central da análise contempla as desigualdades de acesso e de permanência no ensino superior.